

Este homem anda por Lisboa a contar árvores mortas. E já vai em mais de 680

Ambiente
Inês Boaventura

Com este “protesto”, Emanuel Sousa quer “mostrar a realidade da gestão do património arbóreo e espaços verdes”

“Morta, morta, morta, morta. Aquela árvore está morta, esta árvore está morta, aquela está em vias de”, constata Emanuel Sousa, com o tom irritado de quem recusa conformar-se com aquilo que vê. Enquanto percorre as ruas e os caminhos do Rio Seco, na freguesia da Ajuda, o agrónomo vai apontando para algumas dezenas de árvores que foram plantadas pela Câmara de Lisboa e que, segundo afirma, não sobreviveram.

Este não é um caso único: ao longo do último mês, Emanuel Sousa tem vindo a publicar numa página que criou no Facebook (“Menos Árvores, Menos Brasões, Obrigado, Sá Fernandes”) fotografias de árvores que diz estarem mortas ou em estado “débil” e também, com menos frequência, de caldeiras vazias. O agrónomo de 26 anos fotografa-se em frente de cada uma delas, juntamente com um papel com um número, que corresponde à contagem das situações que já registou.

Anteontem, Emanuel Sousa publicou imagens de árvores que foram plantadas na Rua Professor Cid dos Santos, junto ao Pólo Universitário da Ajuda e ao Bairro 2 de Maio. Nos papéis que ostenta vêem-se os números 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653... Ontem repetiram-se as publicações, com mais fotografias tiradas nessa artéria e na vizinha Rua Ildefonso Borges, onde as caldeiras vazias são mais do que muitas. A contagem continua: 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674...

Foi também essa a zona, designada por Rio Seco, que o agrónomo escolheu mostrar ao PÚBLICO para explicar o porquê desta sua iniciativa. A sua convicção é que em anos recentes foram feitas plantações “megalómanas” pela câmara, sem que tivesse ficado devidamente assegurada a sua manutenção. “As árvores são tratadas como se fossem de ferro, mas são seres vivos”, critica.



Emanuel Sousa critica a actuação da Câmara de Lisboa

Para Emanuel Sousa, os resultados daquilo que não hesita em considerar ser um caso de “negligência” e “uma calamidade” estão bem à vista. “Isto está a apodrecer. Não há hipótese”, diz, enquanto descasca o tronco de um pinheiro. Noutras árvores há-de destacar a secura das folhas, a podridão do tronco, a existência de rachas e de feridas, de buracos de caruncho e de insectos vários.

“A maioria não tem recuperação possível”, lamenta o agrónomo, antecipando que a morte de muitos

“As árvores são tratadas como se fossem de ferro, mas são seres vivos”, critica o agrónomo Emanuel Sousa, que fala numa “calamidade”

exemplares já “débeis” estará para breve: “se passa aqui uma doença, limpa isto tudo”, constata, acrescentando que também “o frio do Inverno” irá fazer vítimas.

Emanuel Sousa reconhece que sempre que há novas plantações há árvores que não sobrevivem, mas não consegue aceitar percentagens de exemplares mortos tão altas como aquelas que tem encontrado em Lisboa. “Quando passa os 50%, é incompetência”, afirma, responsa-

bilizando directamente o vereador da Estrutura Verde, José Sá Fernandes.

Com este “protesto” que está a realizar através do Facebook, e que garante estar a receber muitos apoios de pessoas preocupadas com o mesmo tema, o agrónomo quer “mostrar a verdadeira realidade da gestão do património arbóreo e dos espaços verdes da cidade”. O seu objectivo é contribuir para “originar uma mudança de mentalidade”.

Questionada sobre como vê o protesto deste cidadão, a Câmara de Lisboa respondeu ao PÚBLICO que “todas as iniciativas cidadãs, genuínas, não politizadas e sem personalizações são de saudar”. A autarquia, que não nega os números divulgados até ao momento por Emanuel Sousa, frisa que “as árvores em meio urbano estão sujeitas a pressões que implicam muitas vezes a sua substituição” e que “em qualquer processo de plantação existe uma percentagem de árvores que não vingam”. Nas respostas do gabinete do vereador Sá Fernandes diz-se ainda que “Lisboa tem dezenas de milhares de árvores e arbustos” e que “só no ano passado foram plantadas em Lisboa mais de 20 mil árvores”.

Quanto ao Rio Seco, a câmara faz saber que “o empreiteiro já assumiu a responsabilidade pela plantação de novas árvores, uma vez que não terá assegurado a manutenção contratada”. Essa plantação deverá ocorrer até Janeiro de 2017.

ines.boaventura@publico.pt

Moradores das Avenidas Novas juntam-se para partilharem o seu passado

Lisboa
Jéssica Rocha

Arquivo de recordações dos residentes da freguesia é um dos objectivos do projecto Memória para Todos

Não há melhor maneira de preservar o passado cultural das Avenidas Novas, para que se mantenha no presente e no futuro, do que através das memórias de quem o viveu. Este é um dos focos do projecto Memórias para Todos, do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. A iniciativa vem na senda de outras idênticas que já surgiram noutros pontos do país, e quer dar aos moradores dessa zona da cidade a hipótese de registarem o seu passado para as próximas gerações verem como a freguesia era e aquilo em que se tornou.

Luísa Metelo Seixas, uma das líderes do projecto – a par de Inês Castaño, Sofia Diniz e alunos da faculdade –, explica os benefícios da partilha de memórias de uma comunidade: “A construção da memória como processo partilhado e a sua discussão contribuem para a construção de uma sociedade mais tolerante. Por outro lado, conhecer e divulgar estas histórias ajuda a compreender as mudanças no tecido social e a diagnosticar problemas urbanos. O projecto quer também integrar estas pessoas e as suas histórias de vida como exem-

plos de perseverança e resiliência.”

A iniciativa, criada há um ano, junta-se às memórias do Centenário da Primeira Guerra e do 25 de Abril na página Memória para Todos, criada em 2012. A parte das Memórias das Avenidas é gerida pelo grupo Os Maiores das Avenidas e já inclui 36 testemunhos escritos, vídeo e áudio, além de fotografias e outros documentos doados pelos entrevistados, que fornecem mais vislumbres do passado da localidade. São os moradores e instituições locais que indicam quem e o que deve ser integrado no projecto. “Em conjunto com uma psicóloga e com a Santa Casa da Misericórdia, fazemos entrevistas com cidadãos sinalizados que a Santa Casa considera que precisam de um enquadramento diferente”, esclareceu Luísa Metelo Seixas.

E para recordar o passado de forma ainda mais interactiva, promovendo um maior contacto entre os moradores, vão ser organizadas várias actividades até Fevereiro. A primeira é hoje, uma visita guiada, com o acompanhamento da arquitecta paisagista Teresa Bettencourt, ao jardim e museu da Fundação Calouste Gulbenkian, um dos pontos de maior interesse da freguesia. “É importante recordar que antes de lá estar o jardim e a fundação, aquele era o espaço da Feira Popular, por isso há moradores que se lembram das duas fases e é um ótimo local para o primeiro evento”, acrescentou Luísa Metelo Seixas.

As Avenidas Novas têm 21.625 habitantes. A freguesia formou-se após a reorganização administrativa de Lisboa de 2012 que juntou as antigas freguesias de Nossa Senhora de Fátima e São Sebastião da Pedreira, para além de uma pequena parte do que era a freguesia de Campolide. Além da Fundação Calouste Gulbenkian, fazem parte dela alguns dos pontos de maior interesse da capital, como o Palácio Galveias, a Praça de Touros do Campo Pequeno, a Igreja da Nossa Senhora de Fátima, o Largo de São Sebastião da Pedreira, o Parque Eduardo VII ou a linha e mercado do Rego.

Para Luísa Metelo Seixas, a memória de um lugar tem muitas versões e é essencial que os processos participativos de construção de conhecimento “tenham uma efectiva relação com aqueles a quem esse conhecimento diz respeito”.



Os moradores também partilham fotografias